



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

O USO DE TIPOS NA METODOLOGIA PROJETUAL

MEDEIROS, Maria Alice Lopes

Arquiteta, aluna do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – e-mail: maria.alice@matrix.com.br
Rua General Oliveira Galvão 1060, Tirol, CEP 59015-120. Natal-RN

RESUMO

O artigo tem por objetivo central examinar os conceitos fundamentais de tipo para o debate tipológico das últimas quatro décadas, identificados nas obras de Quatremère de Quincy e de Jean-Nicolas-Louis Durand, com vistas a discutir sua apropriação concomitante no processo de produção arquitetônica contemporânea, no campo específico da Arquitetura Hospitalar. Após fixar os elementos essenciais desses conceitos, derivam-se deles duas abordagens tipológicas ao projeto. Essas abordagens são então confrontadas com vistas a verificar a natureza de sua internalização a uma metodologia projetual, identificando as possibilidades e potencialidades de sua aplicação simultânea. Conclui-se que esse procedimento é perfeitamente compatível com o método de projeção, com ganhos importantes em termos de qualidade nos resultados da atuação do arquiteto. Por fim, apresenta-se uma breve digressão acerca do significado das conclusões obtidas no trabalho com respeito ao ensino de projeto nos cursos de graduação em Arquitetura.

Palavras-chave

Tipo, arquitetura hospitalar, metodologia de projeto

ABSTRACT

In this paper, it is aimed to examine the main basic concepts of type appearing in typological debate carried from the sixties on. Quatremère's and Durand's types are then revisited in order to discuss their simultaneous appropriation in contemporary architectonic production process, specifically in the field of healthcare design. Once the essential elements of Quatremère's and Durand's conceptions are established, two respective typological approaches to design are derived. Such approaches are then faced each other with a view to verify the nature of their internalization to a given design methodology. Possibility and potentials to simultaneous use of both approaches are identified and analyzed. The conclusions are so that it is possible to state that the proposed procedure is compatible with design methodology, and that design results shall be bettered in this context. Finally, a brief discussion is carried on, regarding the meaning of the conclusions in this paper to architectural education in the field of design methodologies.

Key words

Type, healthcare design, design methodology

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, a crise do Movimento Modernista já se mostrava irreversível e, diagnosticando-se como uma das causas fundamentais da crise a ausência de uma base teórica realista para o trabalho do arquiteto (Frampton, 1988), não é de se estranhar que o processo de investigação em busca de novos paradigmas teóricos e eixos temáticos fosse extremamente multifacetado e conflituoso (Nesbitt, 1996). Dentre os temas caros ao debate pós-modernista, ressurgiu naqueles anos 60 a noção de tipo, reintroduzida no cerne do debate teórico em torno da essência e do significado da Arquitetura no artigo seminal de Argan (1962).

A noção – e, mais tarde, o conceito – de tipo sempre estiveram historicamente ligados a questões teóricas fundamentais na Arquitetura: a origem da forma e seu significado, a sistematização do conhecimento, o entendimento do processo criativo do projeto (Madrado, 1995).

O tipo, com o que ele tem de classificatório e taxonômico, promove um censo do conhecimento e um reordenamento da experiência histórica em torno da disciplina arquitetônica. Ao classificar e sistematizar a experiência arquitetônica, a tipologia torna possível a utilização desse legado – repertório de experiências formais e espaciais, ancoradas nos acontecimentos culturais e sociais da arquitetura e da cidade – no processo de projeção.

Por outra parte, o conceito de tipo remonta ao significado histórico, seja por permanência¹, seja por analogia ou por confrontação². Assim sendo, o tipo revela a norma e os valores estéticos acumulados, resultantes de fatores culturais que condicionaram a formação da norma estética e que, também, regem a sua permanente transformação (Colquhoun, 1983). O conceito de tipo, então, revela a necessidade de uma postura de aproximação com a história, sem deixar de revê-la criticamente. Enfim, registra-se também a idéia de um tipo que sirva de base, natural ou social, para a constituição da forma (Vidler, 1976) e que se proponha como referência de validação para a produção da Arquitetura.

Diante da diversidade das acepções potenciais da palavra *tipo* – e por extensão de sua derivada, a *tipologia* –, é possível entender porque tanta literatura foi dedicada, especialmente nas décadas de 60 a 80 do século XX, a explorar as potencialidades de sua aplicabilidade, seja no campo estritamente teórico-crítico da Arquitetura, seja no âmbito da Teoria do Projeto, com um caráter mais propositivo.

Essa múltipla acepção tem origem em duas vertentes de desenvolvimento científico de fins do século XVIII. De um lado, provindo das Ciências Naturais, marcadamente da Biologia, se estabelece um conceito de tipo associado a uma atitude científica destinada, em última instância, a compreender o objeto de estudo. Diante de fatos ou fenômenos naturais, o cientista assume um papel de sistematizador, de classificador, com o que essa atividade tipológica apresenta um caráter essencialmente taxonômico.

Ou seja, no âmbito dessa abordagem, a tipologia pode ser definida como uma atividade científica relacionada à classificação de indivíduos ou objetos de um conjunto em grupos diferenciados, segundo alguns traços característicos dominantes. Assim, em função do caráter dos desdobramentos científicos pretendidos pelo cientista, a classificação permite o exercício de inferências válidas para cada grupo em que se segmentou o conjunto analisado.

¹ Corona Martinez (2000), apoiado em uma citação de Bernard Huet, destaca que é a sociedade, em última instância, quem forma o tipo, ao reconhecer a permanência de relações forma-significado.

² Solá-Morales Rubió (1985) enfatiza as possibilidades de enriquecimento do significado da intervenção arquitetônica, seja fazendo confrontar a arquitetura pré-existente, seja aproximando-se a ela por analogia.

De outra parte, oriunda dos desenvolvimentos preliminares das ramas tecnológicas do pensamento científico, o conceito de tipo vem a ser instrumentalizado a partir da premissa na qual o conhecimento do objeto em detalhe permite alicerçar uma ação intelectual propositiva, projetual. Na medida em que esses novos projetos-objetos são produto de atividade intelectual, de trabalho criativo, o conhecimento e o exercício tipológico desempenham, no ato intelectual de projetar, um papel significativo de estruturação e sistematização da experiência arquitetônica progressiva, isto é, do legado intelectual e prático do passado, para emprego na projeção. Neste contexto, a atividade em torno da tipologia transcende o mero ato classificatório e se engaja ativamente no complexo processo de análise e síntese que conforma a essência do ato de projetar.

Madrazo (1995) destaca a idéia de que, em sua vinculação com a discussão sobre a Forma, o conceito de Tipo pode ser rastreado até a formulação platônica da Idéia. Entretanto, no âmbito da Teoria da Arquitetura, parece não haver significativa discordância em que a utilização primeira da palavra e a primeira formulação mais acabada do conceito se devem a Quatremère de Quincy (Lavin, 1992).

Na verdade, o que Quatremère de Quincy buscava era a validação empírica da teoria da cabana primitiva do Abade Laugier: entretanto, suas pesquisas nas arquiteturas antigas levaram-no a concluir que havia diversas fontes básicas da Arquitetura, agrupáveis em três tipos – a cabana, a tenda e a caverna –, cada um deles correspondente a uma organização social – respectivamente, comunidades agrícolas sedentárias, tribos nômades, e caçadores. Daí, Quatremère concluiu que o tipo estabelece uma conexão entre Arquitetura e sociedade, entre o projeto e as forças sociais subjacentes, indicando uma dinâmica tipológica correspondente à dinâmica social (Lavin, 1992). Operacionalmente, Quatremère definiria tipo como “a idéia de um elemento que deve, ele mesmo, servir de regra para o modelo”³, o qual, por sua vez, constitui algo a ser copiado ou imitado completamente. Nas palavras de Naselli (1985), citado por Ströher (2001), o conceito de tipo em Quatremère refere-se a uma lei geratriz interna e abstrata, mas com suficiente poder estruturador do trabalho do arquiteto.

Numa direção distinta, Jean-Nicolas-Louis Durand havia desenvolvido, também com base nos avanços científicos do século XVIII no campo da taxonomia e da representação gráfica, especialmente a Geometria Descritiva de Monge, um método de fazer regredir um edifício até seus elementos geométricos essenciais. Para Picon (2000), as obras completas de Durand, especialmente o *Recueil* e o *Précis*⁴, revelam um teórico atento e em dia com os avanços epistemológicos concretizados em princípios do século XIX, quando a Ciência passou do estudo de verdades estáticas e completas para a consideração em detalhes dos processos de combinação, considerando unidades indivizíveis, que davam origem a fatos ou fenômenos. Picon (2000) assinala como a obra de Durand assume uma filiação ao ideal analítico, pelo qual a decomposição em partes e elementos constituintes é sucedida pela composição racional. A análise como processo científico, a síntese como processo técnico: eis a proposição de Durand para reunir as duas vertentes do desenvolvimento científico da taxonomia.

As concepções de Quatremère e Durand são distintas, freqüentemente consideradas como em conflito (Ströher, 2001b). Enquanto o primeiro endereçou seus esforços para uma metafísica da Arquitetura, a natureza da Arquitetura enquanto produto social ajustado à cultura, com o

³ Tradução da autora a partir do texto em francês de Quatremère de Quincy (verbetes *type* na sua *Encyclopédie Methodique*, publicada em 1825), parcialmente reproduzido em Madrazo, 1995.

⁴ *Recueil et parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes, remarquables par leur beauté, par leur grandeur ou par leur singularité, et dessinés sur une même échelle*, em colaboração com Jacques-Guillaume Legrand, foi publicado em 1800/1801. Já *Précis des leçons d'architecture données à l'École Polytechnique*, em dois volumes, foi publicado entre 1802 e 1805, recebendo sucessivos acréscimos e reedições até 1840.

objetivo de fazer da especulação teórica algo operativo (Lavin, 1992), o segundo enfocou a sistematização projetual, um modo de produzir arquitetura, como meio de identificar a maneira adequada de produzir respostas ajustadas e convenientes em face das diversas condições sociais e usos (Picon, 2000).

Assim, menos que opostas, as abordagens da questão tipológica arquitetônica em Quatremère e Durand são frutos de duas compreensões diferentes de que aspecto do processo projetual deve ser enfatizado: a concepção versus a composição; a inspiração versus o método. Em decorrência, e nesse sentido operam autores como Oeschlin (1985), na medida em que o ato de projetar assume cada vez características de maior complexidade, parece mais importante enxergar nessas duas abordagens as possibilidades de utilização combinada no sentido do aprimoramento teórico e tecnológico da projeção arquitetônica.

O objetivo desse trabalho se insere nessa linha de argumentação reconciliadora entre as abordagens “durandiana” e “quatremèriana” do tipo, da tipologia e de seus papéis no processo projetual em Arquitetura. Com fins de garantir que a possível validação da hipótese reconciliatória se dê sobre terreno concreto, lança-se mão da experiência pessoal da autora como projetista de arquitetura no campo da atenção à saúde, especificamente na Arquitetura Hospitalar. Em particular, trabalha-se com um esquema metodológico projetual de larga utilização nessa área profissional, buscando identificar como podem ou como devem ser nele internalizadas as distintas abordagens tipológicas aqui consideradas.

Com esse objetivo, o artigo está estruturado em três seções, além desta Introdução, e mais um conjunto de anexos. Na segunda seção, exploram-se as duas abordagens consideradas no trabalho no sentido de constituir uma argumentação que sustente conceitualmente a possibilidade da sua reconciliação no âmbito do projeto arquitetônico. Na terceira seção, essa possibilidade é concretamente verificada no caso da Arquitetura Hospitalar, a partir de reflexões sobre o uso de uma metodologia estandardizada de projeto arquitetônico neste campo. Buscando ilustrar essa discussão, optou-se por apresentar, anexos ao artigo, exemplares de discussão tipológica ao modo de Quatremère (texto sem ilustração) e de Durand (ilustração sem texto), no campo da Arquitetura Hospitalar contemporânea. Finalmente, uma última seção apresenta resumidamente as conclusões do trabalho e aponta recomendações dele derivadas no que concerne ao ensino de projeto de arquitetura.

EXPLORANDO AS ABORDAGENS DE QUATREMÈRE E DURAND

Nesta seção, persegue-se o objetivo instrumental de, além da análise conceitual da questão tipológica como proposta por Quatremère e Durand, derivar dos escritos de um e outro a natureza de suas abordagens da perspectiva do ato projetual. Com isso em vista, busca-se inicialmente fixar ambas as bases conceituais essenciais utilizadas pelos autores em foco para, a partir delas, inferir os usos e limites de seus aproveitamentos no processo de projeção.

No caso das proposições teóricas de Quatremère de Quincy, ressalte-se inicialmente o caráter essencialmente culturalista de seu conceito de tipo. Para Quatremère, o tipo é formado em função da relação entre uma sociedade, uma cultura, e a natureza. Diferentemente de Laugier, que identificava na Natureza a origem da idéia da cabana primitiva (Vidler, 1976) e, portanto, associava o germen da produção arquitetônica na imitação da ordem natural, divina (Lavin, 1992), Quatremère estabelece o tipo primeiro como fruto do trabalho do homem social no afã de atender as necessidades fundamentais de sua sociedade, tendo em vista sua organização produtiva.

Assim, rompendo com a arraigada tradição teórica precedente, Quatremère dessacralizava a primeira Arquitetura com a sua assertiva de que diferentes formas de organização social

produtiva, isto é, diferentes culturas, haviam dado origem, independentemente, a três tipos básicos principais, dos quais ainda haveria variações significantes. Como afirma Lavin (1992), esses tipos principais de Quatremère abrigariam ainda múltiplas variações quanto a forma, materiais e técnicas construtivas, em função de distintas situações naturais a que estariam submetidas as organizações produtivas das sociedades primitivas.

Com essa perspectiva, marcadamente culturalista, o conceito de tipo em Quatremère redundava implicitamente na aceitação da Arquitetura como “arte social”. Daí, depreende-se que o autor delineava uma concepção de arquitetura como produto do contexto histórico-cultural, o que fica irrefutavelmente definido em sua utilização reiterada do conceito de tipo para “expressar uma noção abstrata da continuidade histórica na arquitetura produzida pelo homem” (Lavin, 1992: 92).

Quatremère, então, trata de conceber o rebatimento operacional de sua abordagem tipológica no ato de projetar. Isso é feito quando de sua digressão sobre a arquitetura como arte imitativa. Para ele, sendo o tipo uma idéia e não um objeto da natureza, o caráter da criação em arquitetura é de mimese indireta. O arquiteto não dispõe de um modelo natural para imitar, como acontece ao pintor figurativo; apenas o espírito das formas naturais pode ser internalizado no trabalho de projeção arquitetônica. Nesse sentido, o trabalho criativo do arquiteto gera modelos, e esses modelos sim podem ser literalmente copiados em um processo que exclui a iniciativa criadora.

Ora, se o tipo guarda significação histórico-cultural, ele pode ser definido como uma regra, uma convenção abstrata, cuja apropriação em um modelo (projeto) retratará a contingência do ato criador. Logo, o processo de evolução tipológica corresponderá a uma seqüência de modificações mínimas no tipo, nem sempre cumulativas, que contribuirão para manter essencialmente o mesmo tipo enquanto não se registrarem mudanças significativas na ordem sociocultural que requeiram uma modificação de fundo no tipo vigente. Decorre, então, da formulação de Quatremère, que descontinuidades na evolução tipológica decorreriam de fatores sociais, econômicos, culturais, exógenos ao processo de produção arquitetônica, embora este esteja intimamente vinculado a aqueles.

Em termos correntes, portanto, o uso do tipo “quatremèriano” na metodologia projetual aparece nos estágios de concepção mais geral, quando caráter e significado perseguidos são definidos e uma “idéia estruturadora do espaço” toma corpo na mente criadora, tendo por referência um repertório de soluções sedimentadas e convencionalmente aceitas. Novos tipos, que revolucionem a lenta evolução tipológica, terão lugar diante de situações em que a sociedade não mais se reconhece nos tipos vigentes, e uma inovação deve tomar lugar, compondo-se pela hibridação de tipos distintos ou pela invenção de uma nova diretriz conceitual para o espaço a projetar.

Quanto à formulação “durandiana” do conceito de tipo, há que mencionar que Durand jamais escreveu tal palavra (Lavin, 1992). A abordagem aqui é dirigida à montagem de uma base sistematizada de informações elementares e de diretrizes de recomposição de modo a obter partes eficientes (cômodas e econômicas) de edifícios. Em Durand, portanto, o legado arquitetônico não gera um tipo edilício, mas sim permite que, com uma notável energia sistematizadora, se monte um repertório de soluções diretamente operativas no plano elementar, na micro-geometria do projeto.

Se em Quatremère, o tipo tem a estatura de concepção integral do espaço, sem definições precisas de formatos geométricos, em Durand o que conta é o processo tipológico de chegar à unidade básica de configuração do espaço e a capacidade de articular essas unidades, em um processo orientado por eixos geradores de espaços ajustados às necessidades de uso e à eficiência construtiva.

Na produção especulativa de uma abordagem a partir de um método, constitui apenas um fato histórico que a geometria de Durand fosse a de Monge, com seus rebatimentos descritivos em plantas horizontais e verticais, ou que seu conceito de economicidade não levasse em conta a singularidade da inter-relação entre formato e tectônica. A apropriação aos dias que correm da essência intelectual do trabalho de Durand se dará com a composição tridimensional e com a reflexão integrada sobre custos de execução decorrentes de opções tecnológicas e espaciais.

O que se realça no caso de Durand é o caráter sistematizador, essencialmente geométrico, de seu método projetual ante uma cultura e uma convencionalidade arquitetônica no que tange ao arranjo espacial de ambientes, que ele denominou de partes de edifício. Às séries tipológicas de Quatremère, correspondem em Durand as famílias compositivas de formas geométricas básicas. E, da mesma forma que em Quatremère cabe ao engenho e arte do arquiteto a concretização do tipo em um modelo criativo, caberá ao arquiteto de Durand a utilização de seu potencial criativo para projetar a articulação entre as partes já definidas através da aplicação sistemática de seu método. Da felicidade dessa articulação, dependerá em última análise a capacidade de o projeto responder às necessidades de conveniência e economia da sociedade.

Outra vez, são as alterações históricas dessas necessidades que coordenam o processo evolutivo da arquitetura edilícia resultante da abordagem de Durand. Enquanto os requisitos de utilidade – conveniência e economia – estiverem sendo atendidos por padrões de definição espacial das partes e pelas articulações mais ou menos estandardizadas entre essas partes, supõe a abordagem de Durand que serão inibidas as inovações. Caso contrário, novas tecnologias construtivas, novas preferências quanto ao arranjo espacial do edifício, ou ambas, induzirão o surgimento de novas ousadias de composição no plano das partes e de novas propostas de integração destas no conjunto edilício.

Saliente-se que, vigente um tipo “quatremèriano”, a aplicação do processo de Durand – uma vez que suas unidades elementares e a composição delas em partes extrair-se-iam da série tipológica – tenderia a reproduzir, pela via indireta e axiomática, esse tipo na forma de um modelo-projeto, tão distintivo de outros modelos oriundos do mesmo tipo quanto mais inspirado for o uso das partes nas suas relações com o edifício como um todo. A emergência de novos tipos “quatremèrianos” teria lugar na concepção de novos arranjos inter-partes com vistas a equacionar radicalmente novos requerimentos de utilidade social do edifício.

Do exposto, deduz-se que não é necessariamente inalcançável a coexistência dessas duas abordagens no processo de projeção. Em ambos os movimentos, em que pese o caráter estritamente processual da formulação de Durand e imprecisão operativa implícita na concepção de tipo proposta por Quatremère, aparece consolidado aquele espaço de “intuição” de que falava Colquhoun (1967), cuja utilização reflete as escolhas do projetista, escolhas essas que configuram sua intenção e, pode-se acrescentar, seu talento criativo.

Isso pode ser claramente percebido no fato de que uma e outra abordagem convergem em algum ponto do processo: a abordagem de Quatremère atua no sentido do todo para a parte, do geral para o particular, entregando ao arquiteto o papel criador de concretizar o tipo adotado na forma de um modelo, precisamente definido; a abordagem de Durand atua da parte para o todo, do particular para o geral, conformando progressivamente nesse alçamento uma possibilidade de descrição mais ou menos vaga do modelo, ou seja, o tipo.

Afinal, até por razões de contemporaneidade, as formulações de Quatremère e Durand são, ainda que com óticas e concepções distintas, legítimos e destacados representantes das crenças e certezas de princípios do século XIX: o abandono da abordagem artesanal e da fixação imitativa de formas supostas naturais em prol de uma utilização crescente de métodos científicos de análise, classificação e síntese (Colquhoun, 1967; Lavin, 1992; Picon, 2000).

Na seção seguinte, busca-se verificar essa hipótese de possível reconciliação na prática de Arquitetura Hospitalar contemporânea, conforme expressa a experiência profissional pessoal da autora e a literatura técnica relevante.

TIPO E METODOLOGIA PROJETUAL EM ARQUITETURA HOSPITALAR

O uso dos conceitos de tipo e tipologia, nas direções propostas original e concorrentemente por Durand e Quatremère, pôde ser tratado em termos de distintas abordagens tipológicas em função das discussões sintetizadas na seção anterior. Entretanto, o fato de que a especulação conceitual engendrada acima confere à hipótese de reconciliação uma certa lógica não pode ser diretamente extrapolado, ao menos com rigor científico, com vistas a afirmar-se sua validade enquanto marco referencial teórico. Afinal, a possibilidade de reconciliação entre essas abordagens de cunho conceitual não constituiu até o momento, e até onde pode ser afirmado no âmbito da pesquisa subjacente a este trabalho, uma afirmativa empiricamente validada na prática projetual.

Com efeito, a literatura relevante consultada no processo de investigação, ainda que nem sempre aponta claramente uma oposição essencial ou a existência de barreiras intransponíveis entre os dois conceitos, vai, no máximo, referendar a possibilidade de convivência, de paralelismo entre eles.

É provável que o âmago dessa questão possa ser clarificada pelo entendimento do papel do Movimento Moderno com respeito a tipologias. Conquanto Quatremère não tenha sido largamente estudado ao longo do século XIX⁵, não há dúvidas de que sua releitura a partir de Argan (1962) constitui um valioso ponto de partida para a recuperação de seus aportes teóricos nas últimas quatro décadas. Por sua parte, a obra de Durand foi bastante influente na primeira metade do século XIX⁶. Sua influência se reduziria a partir de então e, racionalista antes de seu tempo (Picon, 2000), Durand não foi aproveitado pelos modernistas. Ambas as obras, ambos os conceitos ficaram relegados ao passado da Arquitetura até os anos 60 do século passado. Mas, inicialmente, Durand foi lido como opositor de Quatremère, e os conceitos de um e outro foram julgados mutuamente excludentes. Paradoxalmente, o método de Durand, a que os modernistas haviam dado as costas, passou a ser considerado como um precursor do funcionalismo exacerbado (Lavin, 1992). E o funcionalismo era exatamente o ponto mais forte da oposição da Tendência (de Rossi e Grassi, entre outros neo-racionalistas) em sua crítica ao Modernismo (Turan, s/d).

Assim, o processo de recuperação do legado teórico da Arquitetura de princípios do século XIX só lentamente foi chegando a Durand, principalmente a partir da análise positiva de Oeschlin (1985). Daí à possibilidade de sistematizar uma relação sinérgica entre dois conceitos tão distintos em sua essência, no âmbito da metodologia de projeto, decorreria certamente algum tempo, e necessariamente se apoiaria na crítica e análise da prática projetual.

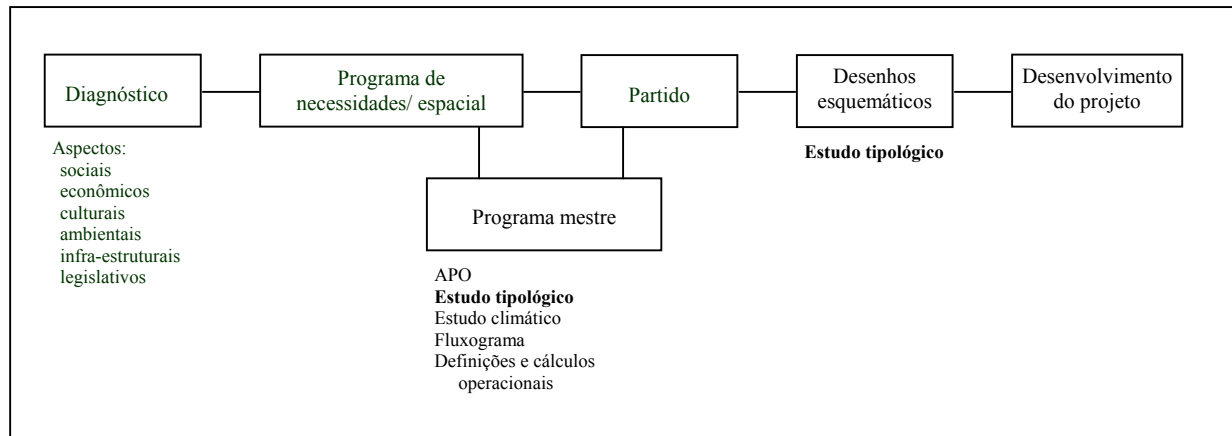
Nesta direção, aqui se parte de uma análise de uma metodologia estandardizada para o processo de projeção em Arquitetura Hospitalar, conforme enunciada em Hardy e Lammers (1986). Busca-se identificar nas etapas dessa metodologia os momentos de internalização das abordagens de Quatremère e Durand para, em um momento seguinte, avaliar a possibilidade e potencialidade de um diálogo entre essas abordagens no âmbito do processo projetual. O

⁵ Apenas a título de exemplo, em dois títulos fortemente referenciados como Frampton (1992) ou Hitchcock (1976), que analisaram a evolução da Arquitetura ao longo do século XIX, Quatremère é mencionado apenas de passagem.

⁶ Conforme pode atestar a leitura de Frampton (1992) ou Hitchcock (1976).

Quadro 1, a seguir, esquematiza a metodologia utilizada e avança alguns detalhes de sua implementação corrente na área.

QUADRO 1 – Esquema metodológico do processo de projeção



Fonte: Hardy e Lammers, 1986, para o esquema. Comentários fora dos quadros são da autora.

O uso de tipologias, no sentido em que foram desenvolvidas ou utilizadas por Quatremère e Durand – ou seja, a primeira voltada para o abstrato, com o tipo se definindo como uma idéia estruturadora do espaço, carregada de significado; a segunda, enfaticamente assentada enquanto instrumento de desenvolvimento projetual na análise e posterior síntese de elementos e partes do objeto arquitetônico –, pode ser feito de maneira complementar, ao menos em uma primeira visão do esquema metodológico. Dessa forma, as abordagens de Quatremère e Durand seriam utilizadas pelo projetista apoiando as tomadas de decisão em momentos como a definição de partido, a organização das partes e o desenvolvimento dos elementos arquitetônicos. Assim, ultrapassada a etapa de diagnóstico e definidas as principais atribuições, serviços e porte da unidade hospitalar, tem-se o programa de necessidades como primeira relação de espaços/atividades. Essa relação adquirirá um caráter mais bem definido, com maior segurança do projetista quanto a suas prescrições, uma vez se encontrem concluídos os estudos do programa mestre. Nesse momento, todos os ambientes, com seu pré-dimensionamento, estarão listados de modo definitivo, ao menos no ciclo de projeto (prováveis alterações terão lugar em caso de realimentação do ciclo com novas informações ou decisões).

O programa mestre serve como guia e referência durante o processo de projeção em sua integridade, sendo fonte de informações para constantes ajustes posteriores nas tomadas de decisões, bem como se constituindo em um filtro para alterações ao longo do processo. Em geral, o programa mestre absorve e sistematiza positivamente todos os esforços intelectuais ocorridos antes de se iniciarem as decisões de desenho. Esse programa mestre é composto em seu primeiro momento por questões, diretrizes e orientações relativas à filosofia que preside o projeto e o empreendimento a que o projeto conduz. Seguem-se definições dos conceitos operacionais e das funções específicas (procedimentos, equipamentos necessários, número e categorias de usuários de cada espaço), requerimentos ambientais (controle térmico, luminotécnico, visual, acústico, dimensional, de revestimentos) que terão lugar na estrutura proposta.

Essas informações podem estar disponíveis em modo meramente descritivo e/ou em base gráfica, e guiarão as relações interdepartamentais e intradepartamentais, fluxos e maneiras de

obter flexibilidade, expansão, segurança, conforto e bem estar dos funcionários e usuários. O programa mestre é preparado com base em estudos e pesquisas que, sistematizados e coordenados em um processo metodológico, permitem a ultrapassagem de cada uma das diferentes etapas do processo de projeção. Todo esse instrumental de métodos e técnicas, entretanto, não leva à ausência de conteúdo intuitivo nas propostas e decisões tomadas no curso do processo, envolvendo distintas questões.

Há vários instrumentos para que essas informações sejam obtidas: cálculos e definições operacionais, fluxogramas e organogramas, estudos de avaliação pós-ocupação, estudos climáticos e, com destaque, os estudos tipológicos. Aqui, a abordagem tipológica de Quatremère vem oferecer ao projetista a possibilidade de consultar e ensaiar distintas opções de estruturação do espaço, dentre um variado cardápio de soluções precedentes. Com isso, o projetista poderá desenvolver, a seu critério, soluções espaciais que carreguem significados perseguidos e desejados. A título de esclarecimento a respeito dessas soluções, significados e decisões, inclui-se nos anexos ao artigo um texto que discute a questão das transformações tipológicas recentes do edifício hospitalar.

Nas etapas de desenhos esquemáticos e de desenvolvimento do projeto, estes processos deverão refletir a configuração geral do edifício e a concepção de partido adotada. Definições estruturais, de instalações, de tráfegos e acessos, circulações e distribuição de espaços em unidades ou blocos, tudo isso deve ser desenvolvido com base no sistema operacional adotado, no programa espacial escolhido e nas restrições e recomendações contidas no plano mestre. O grau de desenvolvimento desses elementos constituintes do projeto deverá ser crescente em termos de definições e detalhamento.

No desenvolvimento dos desenhos esquemáticos dos blocos, ou mesmo de ambientes isolados (elementos de composição), e nas definições de paredes, esquadrias, coberturas (elementos de arquitetura), o instrumento do estudo tipológico poderá outra vez ser de grande utilidade. Desta vez, seguindo a abordagem de Durand, através de desenhos de ambientes ou grupos de ambientes reduzidos a formas geométricas básicas e analisados do ponto de vista das definições e recomendações extraídas do programa mestre.

Estes exemplares de repertório, que podem ser coletados em livros ou mesmo gerados pelo próprio projetista através de visitas a outros edifícios e de consulta a seus arquivos profissionais, podem ser sistematizados ao modo de Durand, conforme pode ser verificado nos exemplos dos Quadros II, III e IV, anexados ao artigo.

Na descrição dos últimos parágrafos, pode-se verificar que a própria complexidade técnica da atividade projetual, especialmente no campo da Arquitetura Hospitalar, remete à criação de distintos “momentos tipológicos” no curso da aplicação da metodologia de projeção. Conforme são esses “momentos”, as abordagens alternativas de Durand e Quatremère são indicadas para enfrentar a questão, numa clara demonstração que a possibilidade de convivência e reconciliação das abordagens em uma mesma metodologia não oferece qualquer dificuldade conceitual.

Por outro lado, pode-se verificar a partir da compreensão do caráter cíclico da metodologia de projeção que, no curso de um projeto completo, se produzem interações entre as distintas etapas do processo, produzindo realimentações e retomada de decisões. Nesse sentido, pode-se perceber que, em havendo interações entre etapas nas quais pontificam as internalizações das abordagens tipológicas estudadas, haverá diálogo entre elas e, daí, resultados melhorados por sinergia.

De fato, a abordagem de Quatremère tende a estabelecer uma referência de efeito estrutural e de significado para o espaço que deverá necessariamente ser observado no plano da utilização

da abordagem de Durand. Vice-versa, soluções mais econômicas ou “convenientes”, desenvolvidas pela aplicação criativa do repertório durandiano à tradução geométrico-formal da concepção geral do espaço, podem induzir a realimentação dos efeitos de significado, com o que se amplificam os resultados produzidos pela adoção de um tipo ao modo de Quatremère. Tais possibilidades são especialmente reais no caso de edifícios complexos em termos de destinação de ambientes, como é o caso de hospitais. Espaços como ambientes de internação, salas de cirurgia, ou UTIs, por exemplo, são especialmente sensíveis ao desenvolvimento de geometrias agradáveis e reconfortantes.

Por fim, cabe salientar uma outra possibilidade de interação entre as abordagens dadas. Outra vez, é necessário recorrer ao fato de que hospitais são edifícios em que a profunda diferenciação interior dos ambientes pode dispersar os efeitos de uma concepção geral “quatremèriana”, reduzindo a significação da “alma” desejada para o edifício pela dificuldade de transladá-la a cada rincão do hospital.

Assim, a concepção de cada parte edilícia em um hospital de médio ou grande porte comporta um exercício de corte tipológico em que marquem presença ambas as abordagens aqui caracterizadas: Durand, por razões óbvias (afinal, é aí, no ambiente específico que o exercício da opção pela abordagem de Durand é mais necessária); Quatremère, pelos requerimentos de significado e pelos aspectos fenomenológicos necessariamente presentes nesses espaços. Nesses casos, é a aproximação espacial, por redução da escala de aplicação do tipo de Quatremère, que faz com que interajam as duas abordagens, em um momento especialmente produtivo de sua reconciliação.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Podem ser percebidas no texto da seção anterior razões que apóiam a validação da hipótese de trabalho deste artigo, qual seja a de que é possível, com ganhos de qualidade na projeção e sem perda de espaços de criatividade individual, internalizar no âmbito de metodologias de projeto contemporâneas e estandardizadas duas abordagens tipológicas inicialmente tomadas como, além de distintas, irreconciliáveis.

Tal conclusão foi alcançada sobre um campo empírico especialmente importante: o da Arquitetura Hospitalar. Além de ter experimentado entre os 80 e os 90 do século XX uma forte transição tipológica, a arquitetura de atenção à saúde se caracteriza por uma problemática especialmente complexa no que tange à alta diferenciação e especialização de ambientes, e pelo alto grau de tecnicidade dos usos dos espaços (tecnologia médica, requerimentos de controle ambiental, entre outros).

Explorando os meandros da projeção nesse campo específico do projeto, pôde-se demonstrar o potencial de benefícios para o projetista de uma utilização, mais que conjunta, interativa e dialogada, entre as abordagens de Quatremère e de Durand para a inserção do conceito de tipo no processo projetual.

Resultam, colateralmente, dois elementos centrais para o aprimoramento do ensino de projeto em cursos de Arquitetura. Por um lado, a ênfase na metodologia de projeção deve constituir um elemento importante central do curso, levando aos graduandos a compreensão de que a intuição sozinha não é capaz de responder aos desafios do projeto numa sociedade mais cientificizada e tecnicizada. As experiências de Durand e Quatremère, especialmente do primeiro, mostram que é possível unir intuição e inspiração de um lado, técnica e método de outro.

Por outro lado, reforça-se a importância da História enquanto disciplina e enquanto problema arquitetônico. Não se pode trabalhar tipologicamente sem o conhecimento do legado histórico. Mas a História da Arquitetura deverá ser trabalhada com método, buscando identificar as lições e os significados do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, GIULIO CARLO. Sobre o conceito de tipologia arquitetônica. 1962. In: ARGAN, G. CARLO. **Projeto e destino**. São Paulo: Editora Ática, 2001, p. 65-70.
- COLQUHOUN, ALAN. Three kinds of historicism. 1983. Republicado em NESBITT, KATE. **Theorizing a new agenda for architecture, 1965-1995**. Nova York: Princeton A.P., 1996
- COLQUHOUN, ALAN. Tipology and Design Method. 1967. Republicado em NESBITT, KATE. **Theorizing a new agenda for architecture, 1965-1995**. Nova York: Princeton A.P., 1996.
- CORONA MARTÍNEZ, AFONSO. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- FRAMPTON, KENNETH. **Modern Architecture – a critical view**. Londres: Thames and Hudson, 3a. ed, 1992.
- FRAMPTON, KENNETH. Place-form and cultural identity. In: THACKARA, JOHN (org.). **Design after Modernism: beyond the object**. Nova York: Thames and Hudson, 1988.
- HARDY, OWEN B.; LAMMERS, LAWRENCE P. **Hospitals, the planning and design process**. Rockville, Maryland: Aspen Publishers, 1986.
- HITCHCOCK, HENRY-RUSSEL. **Arquitectura de los siglos XIX e XX**. Ediciones Cátedra. Madrid: 1985.
- JAMES, W. PAUL & TATTON-BROWN, WILLIAM. **Hospitals: design and development**. Londres: The Architectural Press, 1986.
- LAVIN, SYLVIA. **Quatremère de Quincy and the invention of a modern language of architecture**. Cambridge: MIT Press 1992.
- MADRAZO, LEANDRO. **The concept of type in architecture**. PhD Thesis, ETH, Zurique, Suíça, 1995.
- NASELLI, CESAR. La tipologia como elemento proyectual. 1985 (citado por Ströher, 2001a).
- NESBITT, KATE. Introduction. In NESBITT, KATE (editor). **Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory 1965-1995**. Nova York: Princeton A.P., 1996, p.16-70.
- OECHSLIN, WERNER. Per una ripresa della discussione tipologica. In **Casabella**, jan-fev, 1985.
- PICON, ANTOINE. From “poetry of art” to method: the theory of Jean-Nicolas-Louis Durand. In: DURAND, J.-N.-L-. **Précis of the lectures on architecture**. Los Angeles: Getty Research Institute, 2000. p. 1-68.
- SOLÁ-MORALES RUBIÓ, IGNASI. From contrast to analogy: developments in the concept of architecture intervention. In: NESBITT, KATE (editor). **Theorizing a New Agenda for Architecture: an Anthology of Architectural Theory 1965-1995**. Nova York: Princeton A.P., 1996, p.228-237.
- STRÖHER, ENEIDA. Considerações sobre o conceito de tipologia arquitetônica. In: STRÖHER, ENEIDA (org.). **O tipo na arquitetura**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001b, p. 25-41.
- STRÖHER, RONALDO. Quatremère de Quincy e Jean- Nicolas- Louis Durand. In: STRÖHER, ENEIDA (org.). **O tipo na arquitetura**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001a, p. 9-24.
- VIDLER, ANTHONY. The Third Tipology. 1976. Republicado em NESBITT, KATE. **Theorizing a new agenda for architecture, 1965-1995**. Nova York: Princeton A.P., 1996.

ANEXOS

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES TIPOLÓGICAS RECENTES NO EDIFÍCIO HOSPITALAR

Face aos novos paradigmas pós-modernistas, os hospitais dos anos 80 sofreram novas experiências que provieram de duas distintas vertentes de agentes da sociedade. A primeira delas defendia a atenção de saúde centrada no paciente; a segunda consistia em provedores preocupados principalmente com aspectos econômicos da atenção à saúde.

Embora com distintos objetivos, ambos os agentes sociais achavam que um edifício atrativo e convidativo teria um impacto positivo sobre seus clientes: os primeiros agentes argumentavam em termos de bem-estar; os segundos, em termos do que aquilo representava para o negócio.

Atuando também na mesma direção da preocupação com pacientes, estavam emergindo as pesquisas identificando o ambiente hospitalar como causa de stress ambiental. Pesquisas sobre os efeitos do ambiente do hospital moderno no usuário obtiveram resultados que mostram relações de causa-efeito entre ambientes e stress ou redução de bem-estar dos pacientes. Ou seja, fatores ambientais do hospital moderno atuavam como elementos geradores de stress nos usuários.

Embora de porte limitado, essas pesquisas sobre a percepção do usuário do ambiente hospitalar moderno tiveram algum impacto sobre os projetistas, especialmente se esses impactos são comparados com aqueles produzidos pelos analistas de mercado. Estes, por sua vez, também apontam a necessidade de reformulação dos ambientes hospitalares como diferencial competitivo no negócio. Em suma, os provedores de hospitais e outras unidades de atenção à saúde têm rotineiramente baseado suas decisões em informações sistemáticas sobre as referências do consumidor.

Para fazer frente aos novos conceitos e paradigmas, diretrizes do ambiente hospitalar, os arquitetos lançaram mão de três tipos arquitetônicos que se encaixavam em seus objetivos.

Esses três tipos estavam carregados de significados agora defendidos como os mais adequados ao ambiente hospitalar, e “sua lei interna estruturadora dos espaços” foi então perseguida pelos projetistas.

O edifício hospitalar foi constituído por um híbrido de três tipos: a casa, de onde se destacou o ambiente familiar; o hotel, referente aos serviços de alimentação e higiene; e o shopping-center, de que se apropriou o aspecto geral de circulação fácil, do centro comercial e de lazer, de oferta conjugados de serviços que podem proporcionar conveniência e conforto.

A organização espacial do hospital foi fortemente influenciada por tipos provenientes da arquitetura comercial, mais precisamente das grandes áreas comerciais, dos shopping-centers ou galerias. Associando essa tipologia contemporânea – com significação de lazer e consumo – às tipologias hoteleiras, o hospital dos anos 80 atingiria dois objetivos ao mesmo tempo: por um lado, consolidar-se como estrutura agradável ao paciente e a visitantes; por outro, se destacar na atenção personalizada ao paciente interno – tratado como hóspede –, na oferta de espaços internos desfrutáveis e humanizados (jardins, praças de alimentação, áreas de descanso e convivência), na locação de áreas para espaços comerciais (floriculturas, farmácia, lojinhas de presentes etc). Para combater o stress, foi utilizado o ambiente familiar do tipo

residencial na projeção das áreas de internação (quartos com estilo mais pessoal, flexíveis, de decoração mais próxima àquela que o usuário tem em seu próprio lar).

Como se vê, as mudanças na sociedade acarretaram uma inadequação dos tipos vigentes na arquitetura hospitalar, dando-se a ruptura pela apropriação e hibridação de tipos comerciais, hoteleiros e residenciais, resultando daí um novo tipo ao modo “quatremèriano” para a projeção de novos hospitais.

A proposição consciente desse novo tipo – não a mera reprodução de modelos arquitetônicos existentes –, através do exercício tipológico, ou seja, a estruturação e sistematização da experiência pregressa arquitetônica e adequação do material produzido, para cada situação do projeto, constituiria um instrumento da atividade projetual criativa.